



SIMON SCARROW

JOVENS LOBOS

TRADUÇÃO DE MARIA LUÍSA FERNANDEZ ALVES



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

CAPÍTULO 1

Irlanda, 1769

Deitando um derradeiro olhar ao quarto pouco iluminado, a parteira retirou-se, fechando a porta atrás de si. Voltou-se então para a figura que se encontrava no outro lado do salão. *Pobre homem*, pensou para os seus botões, enquanto inconscientemente secava as mãos grossas no avental. Não havia nenhuma maneira fácil de lhe dar a má notícia. A criança não passaria daquela noite. Isso era claro para ela, experiente como era por ter trazido ao mundo mais bebês do que a sua memória pudera guardar. Este nascera mais de um mês antes do tempo. Vislumbrara nele apenas uma tênue centelha de vida quando a senhora o tinha finalmente expulsado do útero, com um estridente grito de dor, pouco depois da meia-noite. Não passava de uma coisinha fraca e trémula, mesmo depois de a parteira o ter limpado, de lhe ter cortado o cordão umbilical e de o ter entregado à mãe, bem embrulhado num limpíssimo cobertor de bebê. A senhora tinha-o estreitado contra o peito, visivelmente aliviada por o trabalho de parto ter terminado.

Fora assim que a parteira a deixara. Deixá-la ter umas horas de conforto antes de a natureza seguir o seu curso, transformando o milagre do nascimento em tragédia.

Com as bainhas das saias roçando pelo chão, apressou o passo em direcção ao homem e fez uma vénia rápida, ao apresentar o seu relatório.

— Tenho muita pena, meu senhor.

— Pena? — Ele dirigiu o olhar para além dela, na direcção da porta fechada. — Que aconteceu? A Anne está bem?

— Sim, senhor, ela está bem, está benzinho.

— E a criança? Já nasceu?

A parteira acenou com a cabeça.

— Um rapaz, meu senhor.

Por um instante, Garrett Wesley sorriu de alívio e orgulho, até se ter lembrado das primeiras palavras da parteira.

— Então, qual é o problema?

— Com a senhora não há problemas, mas o menino é fraquinho. O senhor perdoe-me que lhe diga, mas eu acho que ele não resiste até à madrugada, e se resistir, então será uma questão de dias até que Nosso Senhor o leve. Tenho tanta pena, meu senhor.

Garrett abanou a cabeça:

— Como é que pode estar tão certa disso?

A parteira respirou fundo para controlar a ira que lhe provocava ver a sua reputação profissional posta em causa.

— Eu conheço bem os sinais. Ele não está a respirar como deve ser e tem a pele fria e húmida. O pobrezinho não tem forças para viver.

— Deve haver alguma coisa que se possa fazer por ele. Chame um médico.

A parteira abanou a cabeça.

— Não há nenhum na aldeia, nem nos arredores.

Garrett olhava para ela, enquanto fervilhava de pensamentos. Só em Dublin ele encontraria os cuidados médicos de que o filho necessitava. Se partissem já, poderiam chegar à residência em Merrion Street antes do anoitecer, onde mandariam chamar o melhor médico de imediato. Garrett anuiu de si para si. A decisão estava tomada. Agarrou a parteira pelo braço.

— Vá aos estábulos, e diga ao meu cocheiro para arrear os cavalos e estar pronto para viajar, logo que seja possível.

— Vão viajar? — Ela fitava-o de olhos bem abertos. — Não pode ser verdade, meu senhor. A senhora está ainda muito fraca e precisa de descansar.

— Ela pode descansar na carruagem, a caminho de Dublin.

— Dublin? Mas, meu senhor, isso é...

A parteira franziu a testa, ao tentar imaginar uma distância maior do que a que ela alguma vez percorrera na vida.

— Isso é uma viagem grande de mais para a vossa senhora, no estado em que ela está, meu senhor. Ela precisa é de descansar, de estar descansadinha.

— Ela vai ficar bem, é o rapaz que me preocupa. Precisa de um médico. Não há mais nada que possa fazer por ele. Agora vá dizer ao cocheiro para preparar a carruagem.

Ela não respondeu, limitando-se a encolher os ombros. Se o jovem senhor queria pôr em risco a vida da sua mulher por causa de um recém-nascido que morreria em breve, ele lá saberia. E teria de viver com as consequências da sua decisão.

A parteira fez uma vénia e correu para as escadas, que desceu, fazendo ouvir o som das suas botas nos degraus. Garrett deitou um último olhar de desdém na sua direcção, antes de se voltar e atravessar apressadamente o salão até ao quarto onde estava a mulher. Parou por um instante junto à porta, pois estava preocupado com o estado dela durante a difícil viagem que tinham pela frente. Ainda se interrogava se seria o procedimento correcto. Talvez aquela parteira afinal tivesse razão e o rapaz morresse antes que pudessem encontrar um médico que o conseguisse salvar. Assim sendo, Anne sofreria os desconfortáveis solavancos da carruagem naquela

esburacada estrada para Dublin, sem proveito nenhum. Pior ainda, a saúde dela poderia ser também posta em causa. Uma morte certa, caso ficassem. Duas mortes possíveis, caso fossem. Uma certeza contra uma possibilidade. Colocada assim a questão, Garrett decidiu arriscar. Agarrou no puxador e rodou-o para baixo, empurrando a porta.

O melhor quarto da estalagem estava atulhado com uma arca, um lavatório e uma cama enorme, por cima da qual se encontrava uma cruz de madeira, pendurada na parede cheia de marcas de humidade. Num dos lados da cama havia uma mesa e em cima dela um castiçal com três velas semiardidas, cujas chamas tremelicavam com a corrente de ar vinda da porta. Anne moveu-se sob os cobertores, abrindo os olhos.

— Meu querido — murmurou —, temos um filho. Olha.

Apoiando um braço no travesseiro, elevou-se um pouco, movendo a cabeça carinhosamente na direcção do volume que o outro braço enlaçava.

— Eu sei — Garrett forçou um sorriso. — A parteira disse-me.

Dirigiu-se à cama e ajoelhou-se ao lado da mulher, tomando a mão livre dela entre as suas.

— Para onde foi ela?

— Foi mandar preparar a nossa carruagem.

— Preparar a carruagem?

Anne dirigiu o olhar para as portadas da janela, sem discernir qualquer sinal de luz à volta delas.

— Ainda é noite. E, além disso, meu querido, estou cansada. Tão cansada. Tenho de descansar. Certamente que podemos passar aqui um dia?

— Não. A criança precisa de um médico.

— Um médico?

Anne parecia confusa. Retirou a mão do meio das do marido e com muito cuidado afastou uma das pontas do pano de linho que envolvia o bebé. Sob o doce luzir das velas, Garrett viu as feições inchadas do menino, de olhos fechados e lábios imóveis. O único sinal de vida provinha do subir e descer ritmado das pequenas narinas. Anne passou um dedo pela testa enrugada.

— Um médico, porquê?

— É fraco e precisa de cuidados especiais, o mais depressa possível. Mas só em Dublin os poderemos arranjar.

Anne franziu o sobrolho.

— Mas isso fica a um dia de viagem daqui, no mínimo.

— Por isso dei ordens para prepararem a carruagem. Temos de partir imediatamente.

— Mas, Garrett...

— Sshhiu! — Gentilmente, pressionou um dedo contra os lábios dela.
— Não te deves apoquentar. Descansa, minha querida. Poupa as forças.

Ele pôs-se de pé. Através das portadas da janela, chegavam sons de movimentações no pátio das cavaliças: um dos moços praguejava e as dobradiças ferrugentas dos portões chiavam. Garrett virou a cabeça na direcção da janela.

— Tenho de ir. Eles precisam de uma voz forte para nos porem na estrada a tempo e horas.

No pátio empedrado da estalagem tinham acendido duas lanternas, que pendiam de grampos do lado de fora das cavaliças. As portas estavam abertas de par em par e, lá dentro, havia figuras esbatidas nas sombras a arrear os cavalos.

— Vamos a despachar! — Ia gritando Garrett ao atravessar o pátio.
— Temos de partir já!

— Mas ainda é de noite, meu senhor.

Um homem surgiu a vestir a casaca, vindo do alojamento dos criados. Garrett ignorou o protesto do seu cocheiro com um rápido aceno de mão.

— Partimos logo que a minha mulher esteja vestida e pronta para a viagem, O'Shea. Vê se carregam a nossa bagagem. E agora traz os cavalos cá para fora e atrela-os à carruagem.

— Sim, meu senhor. Às vossas ordens.

O cocheiro fez uma vénia e entrou no estábulo.

— Vamos lá, rapazes! Mexam-se, preguiçosos!

Garrett levantou os olhos para a janela do quarto da mulher e sentiu um frémito de culpa por não se encontrar ao lado dela. Tornou a olhar para o estábulo e franziu o sobrolho.

— Vamos embora, homens! Despachem-se!

CAPÍTULO 2

Na derradeira hora antes do amanhecer, a carruagem ressoou ao abandonar o pátio da estalagem. Ao curvar para a mal empedrada rua da aldeia, as rodas de ferro produziram um barulho metálico que quebrou o silêncio da noite. O negro amontoado de casas, de ambos os lados da rua, foi sendo momentaneamente iluminado pelas duas lanternas da carruagem. Lá dentro havia uma única luz, fixada no tabique por detrás do condutor. Garrett estava sentado com um braço em volta da mulher, contemplando a imobilidade do filho ao colo dela. A parteira tinha razão. O bebé parecia fraco e flácido. Anne deitou um olhar ao marido, entendendo correctamente a sua expressão preocupada.

— A parteira contou-me tudo antes de sairmos. Sei que há muito poucas hipóteses de ele sobreviver. Temos de ter fé em Deus.

— Sim, é verdade — assentiu Garrett.

A carruagem deixou a aldeia, e o batimento das rodas nas pedras foi substituído pelo som mais surdo e suave da estrada de terra batida, que atravessava o campo, na direcção de Dublin. Garrett afastou uma das cortinas da portinhola da carruagem e abriu a janela.

— O'Shea!

— Sim, meu senhor?

— Porque é que não vamos mais depressa?

— Está escuro, meu senhor. Eu mal consigo ver o caminho. Se formos mais depressa, podemos sair da estrada ou tombar a carruagem. Já não falta muito para ser dia. Ganharemos tempo logo que haja luz.

— Está bem.

Garrett franziu a testa, fechou a janela e recostou-se no assento almo-fadado. A mulher pegou-lhe na mão e apertou-a com carinho:

— Meu querido, o O'Shea é um bom homem e sabe que temos presa.

— Sim, é verdade. — Garrett voltou-se para ela. — E tu, como te estás a sentir?

— Cá vou indo. Nunca me senti tão cansada.

Garrett fixou-a, apertando os lábios:

— Devia ter-te deixado na estalagem a repousar.

— O quê? E levavas tu sozinho o nosso filho para Dublin?

Ele encolheu os ombros e Anne esboçou uma gargalhada.

— Meu querido, por muito que eu ache que és um óptimo marido, há coisas que só uma mãe pode fazer. Eu tenho de ficar junto do meu menino.

— Ele já mamou?

Anne confirmou com a cabeça.

— Um bocadinho. Mesmo antes de sairmos da estalagem. Mas não foi o suficiente. Acho que ele não tem força para mamar.

Pôs o dedo mindinho nos lábios do bebé, testando cuidadosamente se conseguia provocar qualquer reacção. Mas a criança franziu o nariz e afastou a cara.

— Parece que ele não tem vontade de viver.

— Pobre rapaz — murmurou Garrett. — Pobre Henry!
Sentiu a mulher a sobressaltar-se quando ouviu o nome.

— Que se passa?

— Não lhe chames isso.

Ela virou-se para a janela.

— Mas é o nome que tínhamos escolhido.

— Sim, é verdade. Mas ele é capaz de não... viver. Guardarei esse nome para um filho que seja forte. Se ele morrer, nunca mais porei o nome a outro filho. Não conseguiria fazê-lo.

— Compreendo — Garrett acariciou-lhe o ombro. — Só que nenhuma criança cristã deve morrer sem ter nome.

— Claro que não...

Anne olhou para aquela carinha, tão pequenina, e sentiu-se impotente, sabendo que poucas horas poderiam separar o presente do momento em que o bebê passaria para o outro mundo, quase não tendo passado por este. A dor da perda seria desproporcional ao tempo de vida da criança. Dar um nome ao pobrezinho só pioraria as coisas; por isso, ela evitava a todo o custo cumprir esse dever.

— Anne... — Garrett estava ainda a olhar para ela. — Ele precisa de um nome.

— Mais tarde. Temos tempo.

— E se não tivermos?

— Temos de ter fé em Deus de que teremos tempo.

Garrett abanou a cabeça. Era típico dela. Detestava que a vida a confrontasse com dificuldades de qualquer ordem. Garrett suspirou profundamente.

— Quero que ele tenha um nome. Não será Henry, pronto — concedeu. — Mas temos de escolher um nome agora, enquanto ele está vivo.

Anne contraiu-se e olhou para a janela, mas tudo o que conseguiu ver foi as imagens distorcidas de si própria, do marido e da criança, reflectidas no vidro.

— Anne...

— Está bem — respondeu irritada. — Dado que tanto insistes, vamos dar-lhe um nome. Que não lhe vai servir para nada. Que nome lhe damos, então?

Garrett contemplou o menino, por breves instantes. Estava maravilhado com a profundidade de sentimentos que ele lhe inspirava e temeroso de que o veredicto da parteira se viesse a confirmar. E a Anne, que o carregara na barriga durante tantos meses, que o sentira começar a mexer, sabendo que tinha uma nova vida dentro dela; e quando ela lhe falou da terrível sensação de quietude dentro do seu ventre, que os fez correr em pânico para Dublin, tendo de parar no caminho, porque o parto se precipitou. Quando a criança nasceu viva, Garrett sentiu o coração encher-se de alívio, alívio esse que desaparecera mal a parteira o informou, com muita pena, de que a criança era demasiado fraca para sobreviver. Tentou combater a amargura, que lhe enchia agora o coração.

— Garrett? — Anne levantou a cabeça, de modo a olhá-lo nos olhos.
— Ó Garrett, perdoa-me. Que grande ajuda que eu sou!

— Eu... estou bem. É só um momento.

Erguendo-se um pouco, abraçou-a, sentindo a tensão que perpassava o corpo dela, mesmo com todos os solavancos da carruagem. Cá fora, o primeiro pálido raio da aurora tingia de cinzento o recorte dos montes a leste, e o cocheiro fazia estalar o chicote acima da cabeça dos cavalos, de modo a acelerar o andamento.

Anne fez um esforço para se concentrar. Era preciso um nome... e depressa:

— Arthur.

Garrett sorriu para ela e olhou para o filho:

— Arthur — repetiu. — Arthur, como o rei. O pequeno Arthur.

Fez uma festa na sedosa testa do menino:

— Um grande nome. Um dia serás tão galante e corajoso como o teu homónimo.

— Sim, é isso mesmo — disse Anne, já tranquila. — É exactamente o que eu ia dizer.

A aurora cinzenta e molhada estendeu-se sobre os campos irlandeses, transformando a estrada esburacada num lamaçal, que prendia as rodas da carruagem, fazendo-as levantar água das poças. Ao meio-dia, fizeram uma breve paragem numa vilória, onde comeram alguma coisa e descansaram os cavalos. Anne permaneceu na carruagem com o menino e tentou novamente amamentá-lo. Como ocorrera antes, os lábios de Arthur procuraram com avidez o mamilo, mas, após umas poucas sucções convulsivas, virou a cara para o lado, engasgando-se, contorcendo-se e recusando-se a mamar mais.

À medida que a luz do dia se extinguia e a escuridão envolvia de novo a carruagem, a estrada por onde seguiam contornava um monte e, lá ao fundo, Garrett conseguiu distinguir o brilho de centenas de luzes nas janelas da capital, de que se aproximavam. Mais uma vez, O'Shea teve de reduzir o andamento, por falta de visibilidade. Passaram mais de duas horas depois do anoitecer, antes de a carruagem entrar na cidade e se dirigir à casa em Merrion Street.

Garrett ajudou a mulher e o filho a descerem e levou-os para dentro, dando ordens para que a lareira fosse acesa de imediato na sala de estar e para que preparassem comida quente para si e para Anne. Em seguida, enviou os criados à procura de uma ama-de-leite e do doutor Kilkenny, o mais reputado médico da cidade.

O médico foi conduzido à sala de estar, na altura em que Anne e Gar-

rett acabavam de comer a sopa. Garrett ergueu-se de imediato e cumprimentou-o, apertando-lhe a mão enluvada.

— Muito agradecido por ter vindo tão depressa.

— Bem, disseram-me que era urgente.

O hálito do médico cheirava a vinho.

— Então, onde está o meu doente, Wesley? É esta senhora?

— Não, senhor doutor.

Anne fez um gesto na direcção do berço, que se encontrava junto da lareira:

— É o nosso filho, Arthur. Nasceu ontem à noite. A parteira disse que ele era fraco, mal o viu. Disse-nos para contarmos com o pior.

— Ah! — O médico abanou a cabeça. — Parteiras! Que saberá uma mulher de medicina, ainda por cima uma irlandesa? Não devia ser permitido que elas emitissem opiniões sobre coisas médicas. A ocupação delas é apenas o parto. Bom, que tem então o rapaz?

— Não mama, senhor doutor.

— O quê? Não mama mesmo nada?

— Só umas tantas chupadelas. Depois engasga-se e não quer mais.

— Humm!

O doutor Kilkenny pousou a mala junto do berço, despiu o casaco e entregou-o a Garrett e depois inclinou-se sobre o bebé e afastou os panos que o cobriam. Franziu o nariz àquele cheiro tão familiar.

— Pelo menos, os intestinos estão a funcionar bem.

— Vou mandar que lhe mudem a fralda.

— Um momento. Primeiro, quero examiná-lo.

Anne e Garrett observaram ansiosos, em silêncio, como o médico se inclinava sobre o filho e lhe examinava de perto o corpinho, à luz oscilante das velas do candelabro. Ouvia-se um gemido vindo do berço, quando o médico apalpou o estômago da criança, o que perturbou Anne. O doutor Kilkenny olhou para ela, por cima do ombro.

— Esteja descansada, minha cara senhora. Está tudo dentro da normalidade.

Garrett pegou-lhe nas mãos e apertou-as nas suas, enquanto o médico terminava o exame e se endireitava. Depois olhou para ele:

— Então?

— Talvez viva.

— Talvez viva... — sussurrou Anne. — Pensei que nos pudesse ajudar.

— Minha cara senhora, os médicos só conseguem fazer umas tantas coisas para ajudar os doentes, não todas. O vosso menino é fraco. Já vi muitos como ele. Alguns perdem-se em pouco tempo, outros resistem durante dias, até mesmo semanas, antes de sucumbirem. Alguns sobrevivem.

— Que podemos, então, fazer por ele?

— Mantenham-no quente. Tentem alimentá-lo tanto quanto puderem. Também o podem massajar com um unguento que deixarei convosco. De manhã e à noite. É um estimulante e bem pode fazer a diferença entre a vida e a morte. É provável que ele chore quando o estiverem a friccionar, mas devem ignorá-lo e prosseguir o tratamento. Entendido?

— Sim, senhor doutor.

— E agora, o meu casaco, por favor. Enviarei a conta pela manhã. Dejeio-lhes uma boa noite.

Logo que o médico saiu, Garrett deixou-se cair numa cadeira próxima do berço e deitou um olhar desesperado ao bebé. Os olhinhos de Arthur pestanejaram um pouco, mas o resto do corpo permaneceu tão imóvel e sem vida como até aí. Garrett manteve-se assim por um bocado, até que esfregou os olhos cansados.

— Devias ir deitar-te — disse Anne em voz baixa. — Estás exausto e precisas de descansar. Tens de ser forte nos dias que aí vêm. Eu vou precisar do teu apoio. E ele também.

— Ele chama-se Arthur.

— Sim, eu sei. Agora vai para a cama. Eu fico aqui com ele.

— Está bem.

Quando Garrett saiu da sala, a mulher inclinou-se sobre o bebé e olhou-o fixamente. Depois passou a mão pela testa, visivelmente apouquetada.

No dia seguinte, Anne continuou a tentar alimentar a criança, mas ele pouco mamou e definhou a olhos vistos. No início, a aplicação do unguento fê-lo berrar, mas, após pouco tempo, Anne descobriu que ele procurava logo o conforto do seu peito, mal o cobria com aquela pomada, que cheirava ligeiramente a álcool.

Anne e Garrett mantiveram o nascimento em segredo, com o intuito de evitar visitas intermináveis de amigos e parentes preocupados. Nem sequer informaram os seus outros filhos, que se encontravam em casa, em Dangan, de que tinham mais um irmão.

Foi então que, no quarto dia após o nascimento, uma radiante Anne entrou de rompante no escritório do marido, informando-o de que Arthur já se estava a alimentar normalmente. Devagar, à medida que ia mamando cada vez mais, foi ganhando peso e cor e começou a mexer-se e a esperar, como é próprio dos bebés. Até que, por fim, houve a certeza de que viveria. Só nessa altura, no primeiro dia de Maio, mais de três semanas passadas após ter nascido, os seus pais anunciaram nos jornais de Dublin o nascimento de Arthur Wesley, terceiro filho do conde de Mornington.